

O PRIMEIRO DE JANEIRO

(Redacção)
PORTO

10/VI/952

Meu caro Pinto Quartim:

Se tivesse pressentido que essa reunião dos veteranos do jornalismo era algo mais do que uma espécie de "hora da saudade", teria feito das fraquezas forças, aproveitado o oferecimento que me fez o nosso director para me levar no seu carro, e ido aí dar-te um abraço, saudar os nossos camaradas sobreviventes e dizer que, também, não esqueço o que te devo.

Sabes, porém, que estou contigo, com eles e ainda com a memória dos que ficaram pelo caminho nesta travessia em que não sei se os desaparecidos não serão os mais felizes. A um destes, Avelino de Almeida, devo muito, também, e não o esqueço.

Embora "O Século" tenha, ou tivesse tido, a fama de ser uma "escola de jornalistas", a verdade é que ao chegar lá, em 1921, já não encontrei directores capazes de ensinar, antes todos eram dos de ir para a escola e das primeiras letras. Meestres, neste ofício que seria o meu ganha-pão, só tive dois: o Avelino e tu.

A ti devo-te mais a camaradagem destes longos anos, reforçada por afinidades de ideias que não poderia ter com outros dos nossos camaradas por seguirem diversas--ou nenhuma--correntes doutrinárias.

A intuição da liberdade está dentro de nós e talvez não se aprenda. Não esqueço, porém, que o primeiro despertar

Original do Original
10/11/1955
10/11/1955
dela em mim o devo aos teus panfletos dos tempos de estudante. Aprendi o teu nome, há quarenta anos, quando ainda estava na minha ilha e nem pensava que um dia nos encontraríamos e seríamos oficiais do mesmo ofício. Aprendi, também, a admirar a tua coragem.

Nem sempre sucede que o mestre de ideias venha a ser mestre do ofício. Tive a sorte de encontrar os dois reunidos num só. Talvez por isso me foi grata a aprendizagem e tenho procurado aproveitar dela o melhor que posso, não envergonhando a nossa classe, nem traindo as nossas ideias.

Não sei se serei o "discípulo amado"--nem tu tens muitos jeitos para Cristo--o que sei é que poucos terão estado tão próximos de ti, mesmo a distância, como sempre estive e estou. Nem a tua disciplina de "chefe", que eu e o Julião Quintinha tão duramente sentimos, nem as pequenas divergências do período das nossas actividades associativas, puderam jamais fazer-me esquecer as lições que recebi da tua competência profissional, da firmeza do teu carácter, da grandeza da tua amizade.

Era isto que diria se aí fosse, com mais alguns desabaços sobre a "apagada e vil tristeza" a que chegámos. Se esta carta chegar a tempo, poderá algum dos nossos camaradas dizê-lo por mim e transmitir a todos o abraço da minha saudade. Se não chegar, assim como sei que o meu nome será lembrado entre os dos mortos--pois este desterro em que vivo é uma espécie de morte--quero que saibas quanto te admiro como Mestre e quanto te quero como Amigo.

Abraços a todos os camaradas e para ti um do fundo do coração

do velho camarada e amigo
Luís Brandão